

Dos campos da fronteira Oeste aos salões do Catete: a trajetória política de Flores da Cunha, Osvaldo Aranha e Batista Luzardo com Getúlio Vargas

José Alberto Leal ^a

Resumo: A década de 1920, no Brasil, foi sacudida por movimentos armados que objetivavam a tomada do poder, seja no âmbito regional, seja no federal, culminando com a chamada Revolução de 30, que destituiu o Presidente em exercício, Washington Luís, impediu a posse do candidato eleito Júlio Prestes e tornou Getúlio Vargas presidente do Brasil, dando início à chamada Era Vargas, que perdurou até 1945. Neste contexto, assomaram lideranças que, por sua atuação político-militar, tiveram papéis relevantes nas conjurações e desempenharam importantes funções no plano nacional, entre eles, José Antônio Flores da Cunha, Osvaldo Euclides de Sousa Aranha e João Batista Luzardo, cujas jornadas são o tema do artigo.

Palavras chaves: Flores da Cunha, Osvaldo Aranha, Batista Luzardo, Getúlio Vargas, Era Vargas.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa a discorrer, ainda que de forma ligeira, de como Flores da Cunha, Osvaldo Aranha e Batista Luzardo, políticos locais, de limitada influência, ganharam projeção nacional, no

período compreendido entre o final da Revolução de 1923 e o término da Era Vargas, em 1945, concluindo sobre a participação de cada um deles nos destinos do Brasil.

Para tanto, após um breve relato de suas vidas até 1923,

^a General de Brigada. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



segue-se uma síntese dos principais acontecimentos políticos por períodos: 1924-1928; 1928-1930 e as três fases da Era Vargas: o Governo Provisório (1930-1934), o governo constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945), seguida da participação de cada epígrafe naquele intervalo temporal. Por uma questão de limitação de espaço, as sínteses se aterão aos eventos políticos, sem incursionar por outros campos do poder.

QUEM ERAM ATÉ 1923 ?

José Antônio Flores da Cunha

Fig. 1 – Flores da Cunha



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.

Natural de Santana do Livramento-RS, de família estancieira, culta e republicana. Formou-se advogado em 1902, foi delegado de polícia e chefe de polícia auxiliar no Rio de Janeiro¹. Retornou ao Rio Grande do Sul e destacou-se como advogado, trabalhando com Osvaldo Aranha, amigo desde a mocidade em Uruguaiana e Alegrete e dividindo escritório com Getúlio Vargas em São Borja. Entrou na vida política em 1909, filiando-se ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), elegendo-se deputado estadual e logo depois, em 1912, deputado federal eleito pelo Ceará. Em 1917, foi reeleito, desta vez pelo seu estado natal, renunciando ao mandato em 1920 para concorrer à Intendência (Prefeitura) de Uruguaiana, a pedido do presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros, sendo eleito com expressiva votação. Em 1923, destacou-se como líder militar, defendendo a cidade de Uruguaiana em face de ataques das forças maragatas de Honório Lemes e na perseguição a este



caudilho². Nesta missão, assumiu o comando da Brigada Oeste, tendo como chefe de estado-maior Osvaldo Aranha.³

Osvaldo Euclides de Sousa Aranha

Fig. 2 – Osvaldo Aranha



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.

Nasceu em Alegrete-RS, em 1894, onde passou a infância. Pelo lado paterno, descendia de aristocratas paulistas e por parte de mãe, de destacadas figuras da política gaúcha. Coursou no Rio de Janeiro o Colégio Militar e a fa-

culdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Envolveu-se na política estudantil, contra o governo do marechal Hermes da Fonseca. Também estudou em Paris, antes de advogar em seu estado natal, particularmente, na Fronteira Oeste, em muitos casos, com Flores da Cunha e, também, Getúlio Vargas⁴.

Em 1923, ante a ameaça de invasão de Uruguiana por forças maragatas, organizou civis de Itaqui, Alegrete e municípios vizinhos em um corpo provisório, o 5º Corpo da Brigada Oeste, sendo comissionado no posto de tenente-coronel. Seus homens foram cruciais para garantir a defesa de Uruguiana. Na perseguição às forças de Honório Lemes, foi chefe de estado-maior da Brigada do Oeste, comandada por seu velho amigo, Flores da Cunha, e continuou à frente do 5º Corpo, sendo ferido no ombro no combate da ponte do rio Ibirapuitã⁵.



João Batista Luzardo

Fig. 3 – Batista Luzardo



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.

Nasceu em Uruguaiana no ano de 1892. Sua família era de comerciantes da região de fronteira com o Uruguai. Em seu batismo, foi utilizada a letra “S” na grafia do seu sobrenome, o que explica a alternância das duas formas de escrevê-lo⁶.

Após um tumultuado período colegial, formou-se em medicina (1916) e direito (1919), no Rio de Janeiro. Concluídos os estudos, retornou à sua cidade natal, exercendo a medicina,

tendo se oposto ao então intendente e líder local do PRR, Flores da Cunha. Os dois tornaram-se inimigos figadais, inclusive, com um desafio a duelo, que terminou não ocorrendo graças à ação de amigos comuns. Em 1922, apoiou o candidato da oposição, Assis Brasil, contra a quinta reeleição consecutiva de Borges de Medeiros ao governo estadual. Com a vitória de Borges, participou da Revolução de 1923, como chefe de estado-maior de Honório Lemos, participando do combate da ponte do Ibirapuitã e das marchas e contramarchas pela Serra do Caverá⁷.

OS GAÚCHOS VOLTAM A TOMAR ARMAS 1924-1925-1926

Os termos do acordo que pôs fim à Revolução de 1923, o chamado Tratado de Pedras Altas, já eram indício de que a paz fora estabelecida em bases pouco sólidas. Garantiu a não reeleição de Borges de Medeiros, go-



vernador do Rio Grande do Sul, mas assegurou-lhe a continuação de seu mandato. O acordo não satisfaz completamente a ambos os lados beligerantes, particularmente, aos seguidores de Assis Brasil, que vão buscar ingressar no Exército ou estabelecer contato com a jovem oficialidade revolucionária, grupo conhecido como “os tenentes”⁸.

No plano nacional, no decorrer do ano de 1924, militares insatisfeitos decidiram articular uma conspiração em vários estados para derrubar o presidente Artur Bernardes. O movimento era liderado pelo general reformado do Exército Isidoro Dias Lopes e pelos capitães Joaquim e Juarez Távora e eclodiu na cidade de São Paulo em 5 de julho, estendendo-se a outros estados, onde foram rapidamente sufocados. Isolados e sem perspectivas de vitória, os revoltosos deixaram a capital paulista, no final de julho e dirigiram-se ao Paraná, onde se uniram às tropas rebeldes gaúchas⁹. No Rio Grande do Sul, foi deflagrada por militares

do Exército tenentistas e caudilhos da Aliança Libertadora em 28 e 29 de outubro.

Conseguiram controlar as cidades de Uruguaiana, São Borja e São Luiz Gonzaga, sendo repelidos em Itaqui. Após uma série de derrotas, em meados de novembro o último reduto organizado estava em São Luiz Gonzaga, enquanto que no Sul do estado, Honório Lemes passou a adotar a guerra de movimento e táticas de guerrilha, tenazmente perseguido por Flores da Cunha. A partir de São Luiz, os remanescentes juntaram-se a outros tenentistas, formando a Coluna Miguel Costa-Prestes¹⁰.

No sul, os revoltosos buscaram a Argentina e o Uruguai, de onde continuaram a planejar novas insurreições. Uma foi desencadeada em setembro de 1925, quando um contingente de revoltosos, Honório Lemes à testa, adentrou em território nacional, dando início às ações que duraram pouco, uma vez que as guarnições militares não aderiram. Honório Lemes foi cerca-



do por Flores da Cunha e se rendeu, sendo enviado a Porto Alegre. Em 1926, houve outra tentativa, igualmente derrotada, em menos tempo que a anterior.

Flores da Cunha: Foi, sem dúvida, a figura de maior destaque no período 1923-1926, entre as três personalidades objeto deste trabalho. As atitudes tomadas, as ações empreendidas e o sucesso alcançado consolidaram a fama de guerreiro e valeram-lhe o posto de general de brigada honorário, concedido por Artur Bernardes¹¹.

Fig. 4 – Flores da Cunha em campanha



Fonte: *Jornal Correio do Povo*

Pelo viés político, tornou-se figura de destaque no PRR, elegendose deputado federal em 1924, cargo do qual se afastou a pedido de Borges de Medeiros, para comandar a vanguarda das forças legalistas no combate à Honório Lemos. Voltando a enfrentar o caudilho em 1925, o cercou e prendeu. Foi reeleito em 1927 e, no ano seguinte, eleito senador¹².

Oswaldo Aranha: Em 1924, foi nomeado subchefe de Polícia da região de fronteira, com sede em Alegrete. Na revolta de 1924, estando a cidade de Itaqui ameaçada em duas direções pelos rebeldes, reuniu novo corpo provisório, composto basicamente pelos remanescentes do conflito anterior e impediu que a cidade fosse tomada, sendo a única cidade ribeirinha no baixo Uruguai a permanecer de posse dos legalistas¹³.

Politicamente fortalecido, tornou-se intendente de Itaqui de 1925 a 1927. Em setembro de 1925, partiu em campanha com



Flores da Cunha contra Honório Lemes. Em 25 de novembro de 1926, quando perseguia rebeldes que se retiravam de Santa Maria, atacou-os no município de Caçapava do Sul, sendo ferido no tornozelo por bala de fuzil, o que quase levou à amputação do pé. Teve sequelas por quase três anos, mas recuperou-se bem e ganhou prestígio¹⁴. Em 1927, elegeu-se deputado estadual e logo a seguir deputado federal, juntamente com Flores da Cunha e Batista Luzardo. Sendo Getúlio Vargas eleito governador do RS, em 1928, assumiu a Secretaria dos Negócios Interiores do RS.¹⁵

Fig. 5 – Osvaldo Aranha em 1924



Fonte: *Jornal Correio Brasiliense*

Batista Luzardo:

Fig. 6 – Batista Luzardo com uniforme militar



Fonte: *Jornal O Globo*

Convidado para integrar a equipe de negociação aliancista para o Tratado de Pedras Altas, Batista Luzardo aumentou seu prestígio com essa facção política, ao convencer os chefes militares rebeldes de que a situação militar era desfavorável e o acordo positivo. Retornando a Uruguaiana, em 1924, foi o mais votado entre os libertadores eleitos para a Câmara dos Deputados¹⁶. Como deputado, caracterizou-se por intransigente oposição ao governo federal e, valendo-se das imunidades parlamentares, era, na Câmara, o divulga-



dor das atividades e reivindicações dos revolucionários de 1924. Esteve envolvido na revolução de 1924 no Rio Grande do Sula e na conspiração para sublevação da Esquadra no mesmo ano.

Em fevereiro de 1925, foi convidado a integrar, como membro da oposição, a comissão que negociaria a paz com os rebeldes paulistas e gaúchos de 1924. Organizada a Coluna Miguel Costa–Prestes, foi o defensor e porta-voz da coluna na Câmara. Seus discursos, abastecidos por informações dos integrantes da Coluna, eram publicados pelo jornal *O Globo*. Foi preso em maio de 1925, por participar de um movimento para sublevar o 3º Regimento de Infantaria, mas logo posto em liberdade. Luzardo manifestou-se sistematicamente contra as iniciativas do governo Artur Bernardes, sendo mais moderado com a ascensão de Washington Luís. Reeleito pela Aliança Libertadora no início de 1927, aproximou-se de membros do Parti-

do Comunista do Brasil e participou do Núcleo de Defesa dos Princípios Constitucionais, de maioria esquerdista. No segundo semestre de 1927, Luzardo foi indicado por Assis Brasil para manter a ligação entre os libertadores e o recém-fundado Partido Democrático (PD) paulista. Em março de 1928, a Aliança Libertadora transformou-se no Partido Libertador (PL), com Luzardo participando do diretório central¹⁷.

INIMIGOS ONTEM, ALIADOS HOJE – A ALIANÇA LIBERAL

A década de 1920 foi marcada por movimentos políticos contestatórios – muitos deles armados – à práxis política vigente, chamada “café com leite,” por alternar na Presidência da República grupos oligárquicos mineiros e paulistas, relegando as demais oligarquias a posições secundárias na divisão de poder. Estes movimentos congregavam grupos que, embora estivessem



empenhados em mudar o “status quo”, tinham doutrinas bastante diversas, que iam da mudança por meio de eleições à tomada violenta do poder.

Em 1928, a política do “café com leite” foi rompida por Washington Luís, quando indicou para a candidatura à presidência da república o paulista Júlio Prestes, do Partido Republicano Paulista (PRP). Esta atitude desagradou a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, presidente de Minas Gerais, que se aproximou de Getúlio Vargas, então presidente do Rio Grande do Sul. Em julho de 1929, o Partido Republicano Mineiro (PRM) lançou as candidaturas de Getúlio Vargas, presidente do Rio Grande do Sul, e João Pessoa, presidente da Paraíba, respectivamente à presidência e à vice-presidência da República. Os dois partidos gaúchos, o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e o Partido Libertador (PL) — que tanto se digladiavam anteriormente, se reuniram na Frente Única Gaú-

cha (FUG), declarando, a seguir, seu apoio à chapa de oposição¹⁸.

Visando tornar mais concreta sua ação de apoio à chapa Vargas- João Pessoa, a oposição formou, no início de agosto, a Aliança Liberal (AL), uma coligação oposicionista nacional, que congregava todos os partidos de oposição Brasileiros. A par da ação política, integrantes mais jovens da AL iniciaram o planejamento de uma ação armada para o caso de uma possível derrota e, para tanto, buscaram o apoio dos líderes do “tenentismo” que, inicialmente, repudiaram a proposta, já que entre os aliancistas se encontravam muitos dos antigos e ferrenhos adversários dos militares. Apesar das reservas mútuas, os “tenentes” uniram-se à AL¹⁹.

Flores da Cunha: Em 27 de julho de 1929, já como senador, foi portador de uma carta de Getúlio Vargas a Washington Luís, na qual o governante gaúcho apresentava seu nome ao presidente como candidato à sucessão. Foi



um dos integrantes da AL que iniciou planejamentos para uma ação armada, no caso de insucesso eleitoral. Manteve contato com oficiais revolucionários de 1922 e 1924, Siqueira Campos, Estillac Leal, João Alberto, Juarez Távora, Eduardo Gomes e Osvaldo Cordeiro de Farias²⁰.

Osvaldo Aranha: As tensões para as eleições de 1930 o desviaram de suas funções administrativas como secretário de Negócios Interiores gaúcho. Em junho de 1929, por determinação de Vargas, levou até Borges de Medeiros, ainda presidente do PRR, carta que relatava o Pacto do Hotel Glória, firmado por lideranças políticas mineiras e gaúchas, o qual repelia uma candidatura paulista e previa o lançamento de uma candidatura gaúcha, sendo encarregado de garantir o concorde de Borges de Medeiros, o que conseguiu. Pouco tempo depois, Vargas o encarregou de tentar convencer o presidente Wenceslau Braz e políticos situacionistas a aceitar a

candidatura Vargas ou de um terceiro candidato que tivesse o concorde dos mineiros, mas Braz manteve o apoio à candidatura de Júlio Prestes. Aberta a campanha aliancista, realizou contatos com políticos mineiros e paraibanos para fortalecer a Aliança. A posição de Vargas, hesitante e pendular, ora com acenos à Washington Luíz, ora apoiando os aliancistas mais exaltados, exasperava Osvaldo Aranha e seus companheiros radicais. Fez contato com os “tenentes” e trabalhou para conseguir seu apoio, inclusive, o de Luís Carlos Prestes que, ao final, não aderiu ao movimento²¹.

Batista Luzardo: Iniciada a campanha eleitoral em 1929, aproveitou viagens às estâncias hidrominerais de São Lourenço e Caxambu para fazer contatos políticos, ampliar a campanha e fazer comícios. Na ida de Vargas ao Rio de Janeiro, em 30 de dezembro, foi um dos oradores a saudá-lo, fazendo célebre seu discurso que iniciava indagando:



“Quem vem lá?”. Em janeiro de 1930, fez parte da caravana aliancista que percorreu o Nordeste, enfrentando sérios problemas criados pelos situacionistas, que levaram a conflitos entre as facções²².

ELEIÇÕES, MORTE E SOLUÇÃO PELAS ARMAS 1929-1930

As eleições de 1º de março de 1930 apontaram a vitória da dupla situacionista Júlio Prestes e Vital Soares. Como era o costume da época, a fraude foi generalizada, sendo utilizada por ambos os lados.

Terminada a fase eleitoral, a ala radical da AL, liderada por Osvaldo Aranha, Flores da Cunha e João Neves, batia-se pela organização de um levante armado, ao passo que outros aliancistas, entre os quais Borges de Medeiros, defendiam uma posição legalista. Os jovens aliancistas incrementaram os preparativos para a ação armada. Convenceram velhos chefes políticos, co-

mo Artur Bernardes, Venceslau Braz, Afrânio de Melo Franco e Antônio Carlos de Andrada a aceitarem essa solução e a aliança com os tenentistas, assim como intensificaram os contatos com os tenentes. Antônio Augusto Borges de Medeiros, então Presidente do Rio Grande do Sul, em 19 de março de 1930 reconheceu a vitória de Júlio Prestes, recuando poucos dias depois, ante a veemente oposição que lhe fizeram Flores da Cunha, Osvaldo Aranha e João Neves. Conseguiu-se a adesão de Minas Gerais e da Paraíba, além de contarem com forças sediciosas em São Paulo e Rio de Janeiro. Armas foram adquiridas na Tchecoslováquia por Osvaldo Aranha. O planejamento inicial estabelecia que o movimento deveria eclodir ao mesmo tempo em todo o Brasil.

A partir de abril, a sedição viveu em avanços e recuos, provocados pelas desconfianças dos antigos oligarcas com as posições dúbias de Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, principal-



mente este, que até às vésperas da revolta, não adotou posição firme de apoio à causa aliancista. Este período foi marcado pela “degola”, apelido dado ao reconhecimento, pelo Congresso, dos candidatos eleitos, artifício legal usado pela maioria governista, não reconhecendo candidatos opositoristas da Paraíba e Minas Gerais, substituídos por candidatos da situação, provocando justa indignação em ambos os estados. O Rio Grande do Sul, em razão de acordo entre Vargas e Washington Luís — sem conhecimento dos aliados de Minas Gerais e Paraíba, foi poupado dessa defenestração. A defecção de Prestes e a morte de Siqueira Campos, em um acidente aéreo, também contribuíram para o desânimo dos conjurados, levando Antônio Carlos de Andrade a propor que se transformasse a aliança em aliança política, ideia repelida, pronta e incisivamente, pelos mais jovens. Entretanto, enquanto os chefes políticos recuavam, os “tenentes” continuavam os preparativos e já se

encontravam em fase adiantada de organização, aguardando a decisão daqueles para iniciar a luta.

O assassinato de João Pessoa, ainda que por motivos alheios à disputa política, causou comoção e reacendeu o ânimo dos conspiradores. Por sugestão de Osvaldo Aranha, foi estabelecida a data de 3 de outubro, às 1730h, para o desencadeamento das operações²³.

Flores da Cunha: fazia parte do grupo de aliancistas que considerava a revolta armada como única forma de depor o governo e para isso, se necessário, romper com Borges de Medeiros, então Presidente do PRR. Em manifestação popular em Porto Alegre pelo assassinato de João Pessoa, juntamente com Osvaldo Aranha e João Neves da Fontoura, pronunciou violento discurso, pregando abertamente a revolta.²⁴

Osvaldo Aranha: no período, foi a figura de maior destaque. Por



várias vezes, intermediou as querelas entre os aliancistas mais jovens e os de mais idade. Articulou com os correligionários da AL várias medidas políticas e táticas para reforçar o movimento. Pressionou Getúlio Vargas para que tomasse uma decisão e que esta fosse pelo levante armado. Contactou “tenentistas” e fez a compra de armamento na Tchecoslováquia²⁵
²⁶.

Batista Luzardo: Após as eleições, foi recuperar-se de intervenção cirúrgica em Uruguaiana, aproveitando para realizar contactos políticos e cooptar as guardas militares da fronteira. Detalhou o plano militar para as operações na fronteira, responsabilizando-se pelo comando do destacamento de Uruguaiana, além de unidades de Itaqui e Quaraí. A ele, alinharam-se os principais chefes libertadores da Revolução de 1923, à exceção de Honório Lemes, falecido em 30 de setembro de 1930²⁷.

A REVOLUÇÃO DE 1930

Em Porto Alegre, à hora marcada, teve início as ações de tropa. Sem maiores dificuldades, na madrugada seguinte a cidade estava sob controle e, no dia 5, todo o estado apoiava os revoltosos. Formaram-se então colunas que, por via férrea, demandaram Santa Catarina e Paraná, Florianópolis e São Paulo.

Em Belo Horizonte, as ações iniciaram quase ao mesmo tempo de Porto Alegre, e a capital mineira foi parcialmente controlada na manhã do dia seguinte, sendo o controle do estado concluído em 23 de outubro. No Norte e Nordeste, as ações tiveram início pela Paraíba, seguindo-se Piauí, Maranhão e Rio Grande Norte. Após vencer forte resistência em Pernambuco, os revoltosos seguiram para o Sul, sendo detidos na fronteira entre a Bahia e Sergipe.



Fig. 7 – Getúlio e seu estado-maior em Ponta Grossa, Paraná



Fonte: Arquivo Nacional.

A 10 de outubro, acompanhado de todo o estado-maior civil e militar da revolução, Getúlio Vargas seguiu de trem para Ponta Grossa, ponto de concentração das tropas, onde estacionaram e iniciaram planejamentos para o ataque geral rumo a São Paulo, tendo por base a frente de Itararé, marcado para 25 de outubro.

Entrementes, a 24 de outubro, um grupo de generais derubou e prendeu Washington

Luís, substituindo-o por uma Junta de Governo Provisória. Como essa Junta não desse sinais claros de que passaria o governo aos revoltosos, Vargas informou que prosseguiria a luta, se não fosse reconhecido como chefe do governo provisório. Após acordo firmado por Aranha e Lindolfo Collor, emissários de Vargas, e o general Tasso Fragoso, pela Junta Provisória, em 28 de outubro, esta comunicou a decisão de transmitir o poder a Vargas. Em



31 de outubro, precedido por três mil soldados gaúchos, Vargas desembarcou no Rio, sendo recebido por enorme manifestação de apoio popular e tomou posse como chefe do Governo Provisório a 3 de novembro. Seu primeiro ministério buscou atender as forças que o apoiaram, resultando um grupo bastante heterogêneo²⁸.

Flores da Cunha: Participou do ataque ao quartel-general (QG) da 3ª Região Militar, em Porto Alegre, e seguiu com o estado-maior de Getúlio Vargas no avanço para o Rio de Janeiro. À frente de 2.500 cavalarianos, contornou Itararé e seguiu na direção de São Paulo, onde entrou em trajes civis, em visita a amigos presos, para não melindrar os paulistas. Sempre negou, veementemente, ter participado, ordenado ou anunciado a amarração dos cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco. Foi nomeado interventor no Rio Grande do Sul, cargo que assumiu em 28 de novembro de 1930. Dele, disse

Juarez Távora, líder tenentista, em carta a Osvaldo Aranha, escrita dois anos depois: “Com Flores da Cunha em lugar de Getúlio Vargas, certamente os ideais dos tenentes não teriam sido traídos”²⁹.

Osvaldo Aranha: Participou do ataque ao QG, na companhia de Flores da Cunha e compunha o estado-maior civil de Getúlio Vargas no avanço para o Rio de Janeiro. Negociou com a Junta Provisória que destituiu Washington Luís a entrega do poder à Getúlio. Constituiu o ministério provisório de Getúlio, como Ministro da Justiça³⁰.

Batista Luzardo: Comandava um destacamento na frente de Itararé e, com o evoluir da situação, foi mandado ao Rio de Janeiro para assumir o cargo de chefe de Polícia do Distrito Federal, tomando posse em 4 de novembro³¹.



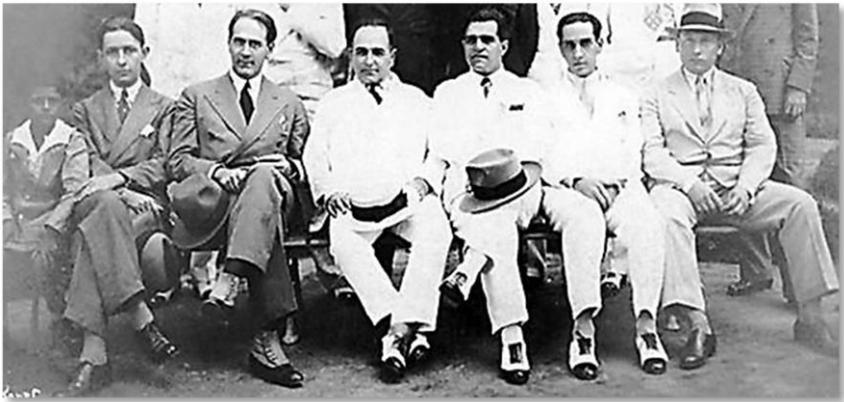
A ERA VARGAS, 1930–1945

A Era Vargas é composta por três fases sucessivas: o Governo Provisório (1930–1934); o período da Constituição de 1934 (1934-1937); e o Estado Novo (1937-1945). A renúncia de Ge-

sultivo, apelidado “Gabinete Negro” que se sobrepunha ao ministério e definia rumos do governo.

A insatisfação dos paulistas com as ações do Governo Provisório levou à Revolução Constitucionalista de 1932, deflagrada no dia 9 de julho. Após intensa

Fig. 8 – Em 1930, da esquerda para a direita, Virgílio de Melo Franco, Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas, Batista Luzardo, Florêncio de Abreu e Alcides Etchegoyen.



Fonte: *Jornal Hora do Povo*

túlio Vargas em 1945 e a posterior redemocratização do país marcam o fim do período.

Getúlio iniciou sua gestão provisória, governando por decretos, que tinham força de lei. Criou o Conselho Nacional Con-

luta, com elevado número de baixas e emprego de material bélico, terminou em 2 de outubro do mesmo ano, com a derrota militar dos revoltosos. Findo o movimento, Getúlio Vargas busca se reconciliar com São Paulo e



nomeia um civil e paulista que apoiara a Revolução de 1930 para interventor em São Paulo.

O término da revolução constitucionalista marcou o início de um período de democratização do Brasil. Foi eleita uma Assembleia Nacional Constituinte, por voto secreto e com participação das mulheres. Instalada em 15 de novembro de 1933, a Constituinte promulgou uma nova Constituição em 16 de julho de 1934, cujo teor desagradava a Vargas, por seu caráter liberal e federalista e ainda, por ter efeitos inflacionários. No dia seguinte, a mesma Assembleia elegeu Vargas presidente da República, o qual foi empossado em 20 de julho. Os estados seguiram o exemplo federal, elaboraram suas constituições e elegeram governadores. Como resultado deste processo, muitos interventores se tornaram governadores, em uma significativa vitória dos partidários de Getúlio.

Em 1935, foi sancionada a Lei de Segurança Nacional, que definia os crimes contra a ordem

política e social, possibilitando maior rigor no combate à subversão. No período, cresceu muito a radicalização político-ideológica no Brasil, especialmente entre os fascistas, que criaram a Ação Integralista Brasileira (AIB), e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), dominado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB). O fechamento da ANL, determinada por Getúlio Vargas, bem como a prisão de alguns dos partidários, levaram à Intentona Comunista em 24 de novembro de 1935, no Nordeste, e a 27 de novembro de 1935, no Rio de Janeiro. A partir da Intentona Comunista, foram decretados várias vezes o estado de sítio e o estado de guerra, assim como endurecidas as leis que visavam combater a subversão, com a promulgação, em dezembro de 1935, de três emendas constitucionais dando mais poderes ao Estado para esse fim. Em janeiro de 1936, com vista a limitar o poderio militar dos estados federados, foi promulgada lei que subordinava as polícias militares



ao Exército Brasileiro, limitava seus efetivos e as proibia de possuir artilharia, aviação e carros de combate.

A conjuntura política estava tensa, com a proximidade das eleições presidenciais. Em 30 de setembro de 1937, denunciou-se a existência de um suposto plano comunista para tomada do poder. Este plano ficou conhecido como Plano Cohen que, posteriormente, teve sua autoria atribuída aos integralistas.

Fig. 9 – Getúlio Vargas anunciando a criação do Estado Novo.



Fonte: Memorial da Democracia

Getúlio, em 10 de novembro de 1937, criou o Estado Novo em pronunciamento em rede de rádio. Dentre outras medidas, abo-

liu-se o Congresso e os legislativos estaduais e municipais; foi outorgada uma nova constituição, fortemente centralizadora; extinguiu os partidos políticos e as bandeiras dos estados, proibidos de terem símbolos próprios. A censura à imprensa e a propaganda do regime seriam realizadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)³².

No curso da Segunda Guerra Mundial, em 1942, Vargas declarou estado de guerra contra a Alemanha e a Itália. Após dois anos, foi enviada à Itália a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta por cerca de 25 mil pracinhas. Com o retorno da FEB ao final da guerra, tomou corpo a pressão política para o fim do Estado Novo. Em resposta, surgiu, um movimento denominado “queremismo”, que propunha que primeiro se fizesse uma nova constituição e só depois a eleição para a presidência da República. O crescimento do queremismo precipitou a queda de Getúlio, que renunciou em 29 de outubro de 1945, cedendo às fortes pres-



sões militares, encerrando o Estado Novo³³.

Flores da Cunha: Realizou profícuca gestão como governador do Rio Grande do Sul. Na área política, não teve êxito na criação da legião revolucionária, já instituídas em outros estados, por pressão dos hierarcas do PRR e do PL, os mesmos que começaram uma campanha para a elaboração de uma constituição e convocação de eleições, visando a substituição do Governo Provisório. Embora partilhasse dessa ideia, Flores colocou-se como intermediário entre o Governo e a FUG. Irrompida a revolução paulista, Flores se colocou do lado do governo central, o que lhe custou o rompimento com a FUG, que passou a incrementar um movimento armado, capitaneado por Borges de Medeiros e Batista Luzardo.

O movimento foi debelado por Flores e, seus chefes presos. O exílio dos líderes frentistas criou um vazio de poder e cindiu as bases do PRR e PL, momento

político de que se valeu Flores da Cunha para criar o Partido Republicano Liberal (PRL), com o apoio de Vargas e Osvaldo Aranha, então ministro da Fazenda. Flores e seu partido iniciaram imediatamente a campanha das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, marcadas para maio de 1933. Flores usou todas as estratégias legais para dificultar a participação da FUG, resultando que o PRL elegeu 13 entre os 16 representantes do estado. Realizou intenso trabalho político na nomeação do novo governador de Minas Gerais, e comandou diretamente a bancada governista gaúcha para atender os interesses do Governo, prosseguindo no apoio a Getúlio. Na fase final da Constituinte, a elaboração das “Disposições Transitórias”, sua atuação foi fundamental para atendimento aos interesses getulistas. Finda a constituinte, Getúlio Vargas foi eleito presidente por via indireta, derrotando Borges de Medeiros. Seguiu-se a votação para o estabelecimento das Constituintes



estaduais, nas quais, no RS, o PRL obteve maioria de deputados. Flores, também por via indireta, foi eleito governador, tomando posse em 15 de abril de 1935.

A partir desse ano, as relações entre Flores e Vargas começaram a esgarçar-se, em grande parte motivada pela férrea oposição com que aquele defendia a autonomia dos estados, em contraponto ao general Góes Monteiro, partidário de um governo federal forte, com Forças Armadas bem equipadas e governos estaduais débeis. Flores empenhou-se vivamente na sucessão de Santa Catarina, por razões estratégicas, e do Rio de Janeiro, onde seu nutrido apoio e atuação em prol de um candidato que não o preferido por Getúlio, levou ao desgaste do relacionamento político e de amizade com o Presidente. O pedido de demissão de Góes Monteiro, que teve como origem em uma disputa de oficiais apoiados por Flores contra o ministro da Guerra, tensionou ainda mais a situação.

Em setembro de 1935, em razão de conversa mantida entre ele e Getúlio, Flores suspeitou que o presidente preparava um golpe que lhe assegurasse a continuação no cargo. Em face disso, Flores tratou de ampliar sua força militar, importando armamento moderno da Tchecoslováquia e sua influência política, costurando um acordo com a FUG. O acordo durou pouco, submergindo antes as ações dos partidários de Getúlio Vargas. O plano de fundo da discórdia entre os dois eram as eleições presidenciais de 1938. Flores, na tentativa de fortalecer-se para ter condições de indicar o candidato governista (ou, quem sabe, ele mesmo ser candidato), e Getúlio buscando enfraquecer Flores, para reduzir sua influência. Questões que foram, cada vez mais, afastando os antigos amigos. Com medidas administrativas, Getúlio buscou limitar a liberdade de ação de Flores, que já não contava mais com o apoio da FUG. Essas ações foram se acumulando até a decretação do



estado de guerra, em outubro de 1937, em razão do Plano Cohen, quando as atribuições decorrentes dessa excepcionalidade foram dadas aos governadores, a exceção do Rio Grande do Sul e São Paulo. O ato final foi a federalização da Brigada Militar gaúcha, principal força de Flores. Incapaz de reverter esta decisão, em 18 de outubro, Flores renunciou ao governo e se exilou no Uruguai, onde permaneceu por cinco anos. Em 19, foi decretada a intervenção federal no estado e a 10 de novembro, instaurado o Estado Novo.

No exílio, Flores da Cunha passou a conspirar contra o governo Vargas, procurando articular-se com outros exilados e com setores políticos e militares contrários ao Estado Novo. Foi condenado a um ano de prisão pela compra das armas no exterior e, em 1939, recusou proposta de Getúlio para que retornasse ao Brasil, cumpriu a pena para, logo depois, ser nomeado para um alto cargo federal.

Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, dirigiu um manifesto a seus amigos e antigos correligionários, conclamando-os a se unirem em defesa da Pátria, e decidiu voltar ao Brasil. Ao retornar, foi preso e levado para uma colônia agrícola no Rio de Janeiro, onde permaneceu por nove meses, quando foi indultado por Vargas. Com a pressão oposicionista, Vargas convocou eleições presidenciais, estaduais e municipais, marcadas para 2 de dezembro. Flores participou, em 7 de abril, da fundação da União Democrática Nacional (UDN), que reuniu a oposição ao governo Vargas em torno da candidatura de Eduardo Gomes e a ele se uniram Borges de Medeiros e Raul Pilla. Em 29 de outubro de 1945, Vargas foi deposto assumindo José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF). As eleições de 2 de dezembro foram vencidas pelo general Dutra e no mesmo pleito, Flores da Cunha elegeu-se deputado federal constituinte pelo Rio Grande do Sul.



Oswaldo Aranha: Seguiu se destacando pela habilidade política de fazer convergir interesses, compor alianças e assegurar aliados ao governo. Negociou com a Junta Governativa Provisória de 1930, no Rio de Janeiro, a entrega do governo a Vargas. Posteriormente, foi nomeado ministro da Justiça e, em 1931, ministro da Fazenda. Desgostoso por ser seu indicado ao governo de Minas Gerais preterido, demitiu-se em 1934. Posteriormente, aceitou o cargo de embaixador em Washington. Como embaixador, atuou sempre em defesa das relações brasileiras com os Estados Unidos e se tornou amigo pessoal do presidente Franklin Delano Roosevelt. Em março de 1938, assumiu o ministério das Relações Exteriores e se opôs à ação dos “germanófilos” do governo e empreendeu grandes reformas administrativas no Itamaraty. Desencadeada a Segunda Guerra Mundial, foi sempre defensor de aliança com os Estados Unidos, em oposição aos

partidários de uma posição pró-Alemanha. Na Conferência do Rio, em 1942, seu trabalho de convencimento levou a que todos os países americanos, a exceção de Argentina e Chile, rompessem com Alemanha, Itália e Japão. Em 1944, pede demissão do cargo de chanceler, vendo-se politicamente enfraquecido, reduzindo suas chances de lançar-se candidato à sucessão de Getúlio.

Embora fora do espaço temporal estabelecido para este artigo, merece registro o relevo de seu desempenho como chefe da delegação brasileira na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1947, na qual teve destacado papel nas negociações diplomáticas para criação do Estado de Israel e presidiu a sessão que aprovou o Plano de Partilha da Palestina, pelo qual era criado aquele país. Por seu desempenho, foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz, naquele mesmo ano³⁴.



Batista Luzardo: Como chefe de Polícia do Distrito Federal, destacou-se pela repressão às organizações de esquerda, proibindo as manifestações do dia 1º de maio de 1931. Alinhou-se às pretensões constitucionalistas e quando o Diário Carioca foi empastelado por manifestantes contrários, junto com o ministro da Justiça, Maurício Cardoso, queriam apurar o caso, sendo desautorizados. Em razão disso, solicitaram exoneração de seus cargos, sendo seguidos pelos demais membros gaúchos no governo. Seguiu defendendo a reconstitucionalização do país. Desencadeado o Movimento Constitucionalista de São Paulo, participou de ações no Rio Grande do Sul, que fracassaram. Foi preso por Flores da Cunha e obrigado a se exilar no Uruguai. Em 1934, depois de anistiado, retornou ao Brasil. No ano seguinte, elegeu-se novamente deputado federal e participou da oposição à Vargas. No entanto, com o distanciamento de Flores da Cunha, Luzardo reaproximou-

se do governo, manifestando apoio ao golpe do Estado Novo. Foi nomeado embaixador no Uruguai, cargo no qual permaneceu até 1945. Também assumiu brevemente a embaixada em Buenos Aires, sendo exonerado com a deposição de Vargas³⁵.

CONCLUSÃO

Com fulcro no exposto, pode-se concluir que as três personagens abordadas puderam, mercê de suas qualidades pessoais e de circunstâncias propícias, deixar o quase anonimato de políticos paroquiais para a notoriedade de figuras públicas de destaque. É válido afirmar que suas carreiras políticas estiveram atreladas à de Getúlio Vargas, seja apoiando, seja confrontando esse líder. Também é interessante verificar que os caracteres de personalidade influíram, e muito, em seus destinos.

Flores, sanguíneo e voluntarioso, nunca fez as pazes com Batista Luzardo, seu desafeto



desde 1922. Também não titubeou em colocar-se contra o poderoso presidente do Estado Novo, quando os interesses de ambos se entrecrocaram e, a partir daí, não mais se reconciliaram. Sua coragem pessoal foi demonstrada nas várias ações bélicas em que tomou parte, destacando-se a carga sobre a ponte do rio Ibirapuitã contra um inimigo entrincheirado. Osvaldo Aranha, ponderado e conciliador, sempre procurou convergir interesses e pacificar ânimos, mas não lhe faltou desassombro para, quando necessário, adotar posturas corajosas e arriscar a própria vida. De Batista Luzardo, pode-se dizer que era uma mescla da voluntariedade de Flores e da habilidade diplomática de Osvaldo Aranha, aliadas a um atilado senso de oportunidade.

Uma síntese dos três pode ser encontrada na carta de Osvaldo Aranha a Flores da Cunha, em janeiro de 1959. Embora o missivista se referisse apenas a si e ao destinatário, o que expres-

sou pode ser plenamente empregado quanto a Batista Luzardo.

Flores - Completo hoje 65 anos. Sinto necessidade de conversar contigo. Não pensei jamais chegar tão longe em uma vida que fizemos, ambos, tudo por abreviar. Estamos ficando cada dia mais nós. Vivemos, realmente, demais, porque os dias de nossas vidas serão contados por épocas, para o mundo e para o nosso país [...] ³⁶.

Contá-los, foi o que pretendi com este artigo.

BIBLIOGRAFIA

CARELI, Sandra da S.; KNIERIM, Cláudio (orgs.). *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre, CORAG, 2011.

CARNEIRO, Glauco. *Lusardo: o último caudilho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Aliança Liberal*.



Disponível em:
<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALIAN%C3%87A%20LIBERAL.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *A revolução de 1930*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *A revolução de 1930*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *ARANHA, Oswaldo*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARANHA,%20Oswaldo.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Coluna Prestes*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/COLUNA%20PRESTES.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *CUNHA, Flores da*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CUNHA,%20Flores%20da%20red.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUZARDO,%20Batista.pdf>.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *VARGAS, Getúlio*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>.



FRAZÃO, Dilva. *Pequena biografia de Osvaldo Aranha*. Disponível em https://www.ebiografia.com/osvaldo_aranha/.

LEAL, José A. Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, a defesa de Uruguaiana. *Revista do IGHMB*, n. 112 Especial, p. 172-188, 2024.

SCHIRMER, Lauro. Flores da Cunha: de corpo inteiro. Porto Alegre: RBS Publicações, 2008.

TEIXEIRA, Matheus B. Julho de 1924: a “Revolta Esquecida” na cidade de São Paulo. *Rev. Hist. Universidade do Estado de Goiás*, Morrinhos, v.11, n.1, e-112213, jan./jun. 2022.

NOTAS

¹ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *CUNHA, Flores da*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CUNHA,%20Flores%20da%20red.pdf>. Acesso em 21 jun. 2024

² LEAL, José A. Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, a defesa de Uruguaiana. *Revista do IGHMB*, n. 112 Especial, p. 172-188, 2024, p. 181-184.

³ SCHIRMER, Lauro. *Flores da Cunha: de corpo inteiro*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2008, p. 68.

⁴ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *ARANHA, Osvaldo*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ARANHA,%20Osvaldo.pdf>. Acesso em 20 mai. 2024.

⁵ Ibid.

⁶ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUZARDO,%20Batista.pdf>. Acesso em 30 mai. 2024.

⁷ CARNEIRO, Glauco. *Lusardo: o último caudilho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

⁸ LEAL, op.cit.

⁹ LANG, Alice B. G., *Revolta de 5 de Julho de 1924*. CPDOC/FGV. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DE%205%20DE%20JULHO%20DE%201924.pdf>. Acesso em 23 mai. 2024

¹⁰ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Coluna Prestes*. Disponível em



<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/COLUNA%20PRESTES.pdf>. Acesso em 23 mai. 2024.

¹¹ SCHIRMER, op.cit.

¹² CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *CUNHA, Flores da*. Disponível em

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CUNHA,%20Flores%20da%20red.pdf>.

Acesso em 21 jun. 2024.

¹³ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Aranha, Oswaldo*, op.cit.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ FRAZÃO, Dilva. *Pequena biografia de Oswaldo Aranha*. Disponível em https://www.ebiografia.com/osvaldo_aranha/. Acesso em 22 jun. 2024

¹⁶ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*, op.cit.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *A revolução de 1930*. Disponível em

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republi->

[ca/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republi-ca/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf). Acesso em 6 jul. 2024.

¹⁹ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Aliança Liberal*. Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republi-ca/ALIAN%C3%87A%20LIBERAL.pdf>.

Acesso em 06 jul. 2024.

²⁰ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *CUNHA, Flores da*, op.cit.

²¹ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *ARANHA, Oswaldo*, op.cit.

²² CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*, op.cit.

²³ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *A revolução de 1930*. Disponível em

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republi->

[ca/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republi-ca/REVOLU%C3%87%C3%83O%20DE%201930.pdf). Acesso em 7 jul. 2024.

²⁴ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *CUNHA, Flores da*, op.cit.

²⁵ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *ARANHA, Oswaldo*, op.cit.

²⁶ FRAZÃO, op.cit.



²⁷ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*, op.cit.

²⁸ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *A Revolução de 1930*, op.cit.

²⁹ SCHIRMER, op.cit.

³⁰ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *ARANHA, Osvaldo*, op.cit.

³¹ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*, op.cit.

³² CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *VARGAS, Getúlio*. Disponível em

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Getulio%20Vargas.pdf>. Acesso em 11 jul. 2024.

³³ *Ibid.*

³⁴ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *ARANHA, Osvaldo*, op.cit.

³⁵ CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *LUZARDO, Batista*, op.cit. Acesso em 12 jul. 2024

³⁶ SCHIRMER, op.cit., p. 70.